A TRAMA MAÇÓNICA

Manuel Guerra



PRINCIPIA

A Trama Maçónica

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor; reprodução proibida.
Sem o prévio consentimento escrito do editor, são totalmente proibidas a reprodução e a transmissão desta obra (total ou parcialmente) por todos e quaisquer meios (eletrónicos ou mecânicos, transmissão de dados, gravação ou fotocópia), quaisquer que sejam os destinatários ou autores (pessoas singulares ou coletivas), os motivos e os objetivos (incluindo escolares, científicos, académicos ou culturais), à exceção de excertos para divulgação e da citação científica, sendo igualmente interdito o arquivamento em qualquer sistema ou banco de dados.



Título
A Trama Maçónica

Autor
Manuel Guerra

Tradutora
Ana Maria Coimbra Gonçalves

Edição e *copyright*
Princípia, Cascais
1.ª edição – Setembro de 2008
Reimpressão – Janeiro de 2012
© Princípia Editora, Lda.

Título e *copyright* originais
La Trama Masónica
© Manuel Guerra Gómez, 2006
Publicado por Styria de Ediciones y Publicaciones S. L.

***Design* da capa** Maia Moura Design
Execução gráfica Tipografia Lousanense

ISBN 978-989-8131-19-5 • **Depósito legal** 271585/08

Princípia
Rua Vasco da Gama, 60-C – 2775-297 Parede – Portugal
Tel.: +351 214 678 710 • Fax: +351 214 678 719 • principia@principia.pt • www.principia.pt

Manuel Guerra

A Trama Maçónica

PRINCIPIA

Prefácio

Há uma apetecível sede de conhecer, de romper a teia secreta e entrar no mundo sigiloso das elaborações da Maçonaria, sobretudo em momento do seu significativo crescimento em Portugal e no mundo, com aberturas estratégicas à opinião pública, com propostas ético-religiosas de sedução, com conquista de espaço na orgânica do poder político e judicial, na instituição militar, no controlo dos meios de comunicação social.

Guiado pelo título da obra de Manuel Guerra não espere o leitor, na trama complexa da Maçonaria, encontrar aqui um mestre dissipador de todas as dúvidas sobre o seu entrelaçado de obediências, simbolismo e ritos, liturgia e templos, lojas e graus. Pouco se sabe da Maçonaria e menos se conhece dos mações[i].

Trata-se, efectivamente, de uma sociedade secreta que pretende insinuar-se, nos últimos tempos, como apenas discreta. Não se pode

---

[i] Várias obras traduzidas têm tentado responder: NAUDON, Paul, *A franco-Maçonaria: a história, a doutrina, os ritos, as obediências*, Mem Martins, Europa-América, 1980, 163 pp.; LERA, Angel Maria de *O regresso da Maçonaria*, Lisboa, Bertrand, 1984, 336 pp.; BAYARD, Jean-Pierre, *A Franco-Maçonaria*, Mem Martins, Europa-América, 1989. A revelar novo espírito estão os textos de FAGUNDES, Fernando, *O moderno espírito da Maçonaria*, Caxias do Sul, EDUCS, 1995, 52 pp.; MATEUS, Luís Manuel, *Para onde vai a Maçonaria em Portugal*. Obra feita, 2000, 31 pp.; e COSTA, Frederico Guilherme, *Maçonaria sem fronteiras*, Lisboa, s.l., Hugin, 2001, 202 pp.

considerar uma mera organização humanitária porque a sua influência social vai muito além desta característica. Nem é associação aplicada à conspiração. Não é fácil de entender a sua cosmovisão de teor ocultista e esotérica.

Manuel Guerra dedica uma boa parte deste livro a esclarecer qual a relação entre o cristão e a Maçonaria[ii]. Previne do perigoso espírito sincrético (acolhedor do comum a todos as expressões religiosas), rejeita a tentação da «dupla pertença», evidencia a diversidade de sentido da vida e da história.

A primeira tomada de posição oficial da Igreja Católica sobre a Maçonaria remonta a 28 de Abril de 1738, dada pela constituição apostólica *In eminenti*, do papa Clemente XII (1730-1740). A origem da tomada de posição da autoridade eclesiástica parece ter sido de natureza política. Iniciado na Maçonaria, em 1731, o Grão-duque de Toscana, Francesco di Lorena, era contrário à ingerência da Igreja nos assuntos do Estado. Ora algumas decisões do Grão-duque, tais como a instituição de uma Congregação para os pobres, independente das condições requeridas pelo Papa, e o édito de amortização dos bens eclesiásticos provocaram um conflito. O Papa convenceu-se de que estas decisões eram devidas à existência de um partido anti-Cúria que se aninhava numa loja maçónica. Daí a decisão ser enviada à Inquisição, mas a natureza deste tribunal limitava as intervenções ao campo da heresia. Trabalhou-se então conduzindo à condenação da Maçonaria em virtude de ser defensora de teses deístas e libertinas. O efeito das bulas transformou o fenómeno em político. A ofensiva anti-maçónica usou opúsculos, libelos, acusações e falsidades. Em vez de provocar a diminuição das lojas foi uma ocasião para a Maçonaria redefinir a própria tarefa e os seus princípios, reafirmando o valor da tolerância, o objectivo da regeneração do homem e do aperfeiçoamento das virtudes cívicas.

Desde 1738 até 1846 foram emanados pela Igreja Católica 14 documentos respeitantes à Maçonaria e sociedades secretas. Desde 1846

[ii] Do ponto de vista histórico esta questão foi objecto de uma Semana de Estudos da Universidade Católica, Centro Regional do Porto: *MAÇONARIA, Igreja e liberalismo. Actas.* Porto, Fundação Eng. António de Almeida; Faculdade de Teologia da UCP, 1996.

existem mais de 370 documentos, sendo 342 atribuídos aos pontificados de Pio IX (1846-1878) e Leão XIII (1878-1903). Foi o auge do confronto.

Algumas tentativas de abertura, na sequência da Declaração conciliar sobre a liberdade religiosa *Dignitatis Humanae*, tiveram curta duração. O intercâmbio e as reflexões entre as Conferências Episcopais e a Congregação da Doutrina da Fé conduziram à convicção da incompatibilidade.

A declaração da Conferência Episcopal alemã de 28-4-1980, resultante do trabalho de uma Comissão entre 1974 e 1980, afirma que a Maçonaria não tinha mudado e continuava a ser incompatível ser católico e maçon. Conclui que «independentemente das concepções subjectivas, a essência objectiva manifesta-se nos Rituais oficiais».

O jornal *L'Osservatore Romano* de 23-2-1985 publicou um artigo que clarificava a relação entre Catolicismo e Maçonaria. Opta pela inconciliabilidade de fundo nos princípios comuns no âmbito da fé e moral, em virtude da subjacente mentalidade relativística que comporta a concepção de uma verdade mais ampla do acto de fé cristã.

Se a pertença simultânea continua excluída, o diálogo é, contudo, sempre possível: diálogo da vida e das obras. Há um comportamento social e político orientado para o serviço da pessoa humana e respeitador da sua dignidade; a promoção e defesa dos direitos humanos fundamentais, ainda que justificados de modo diferente. No agir, podem-se encontrar convergências significativas: empenho em temáticas ligadas aos problemas de ordem internacional, da solidariedade entre os povos, bioética, defesa da vida; a realização de iniciativas culturais de vária ordem... Mas o diálogo só poderá recolher bons frutos se houver disponibilidade para chegar à verdade objectiva, se o diálogo acontecer à luz desta procura séria da verdade, escutada na profundidade da consciência e amada na vivência concreta.

O assunto Maçonaria exige muita reflexão crítica, requer abertura para um diálogo frontal seja no terreno histórico, seja na presença actual na política e na cultura. São talvez mais os equívocos que os preconceitos, mais abundantes as teorias sobre as origens do que a clareza dos princípios. Esta obra é um contributo bem fundamentado para um longo exercício de conhecimento, disposto a desbravar

enigmas e a retirar dos passos percorridos atitudes atentas às evoluções encetadas.

Como esta obra não se ocupa de Portugal, deixo aqui algumas orientações bibliográficas para os leitores interessados. Em Portugal, a Maçonaria tem sido objecto de poucos estudos, mesmo de tipo histórico. Fora de alguns clássicos, como os trabalhos do mação Manuel Borges Grainha[iii] (1862-1923), publicados em 1912, e de certo modo continuada por António Carlos Carvalho[iv], apenas em 1976. Desde 1935, ano em que Oliveira Salazar proíbe a actividade das sociedades secretas pelo Decreto-Lei n.º 1901, até 1974, a Maçonaria reforçou o seu secretismo em virtude do ambiente da repressão policial[v].

Os trabalhos de historiadores não maçónicos, Graça e José Sebastião da Silva Dias[vi], António Egídio Fernandes Loja[vii] e do mação António H. de Oliveira Marques[viii], entre outros[ix], permitiram perceber melhor o papel da Ordem no debate ideológico português.

O debate prossegue em algumas questões mais recentes, como a Maçonaria feminina[x] ou as lutas internas que conduzem, após a expe-

---

[iii] GRAINHA, Manuel Borges, *História da franco-Maçonaria em Portugal (1733--1912)*, 2.ª ed., Lisboa, Veja, 1976.

[iv] CARVALHO, António Carlos, *Para a história da Maçonaria em Portugal (1913--1935)*, 2.ª ed., Lisboa, Veja, 1992.

[v] Para estudar esta época ver MARQUES, A. H. de Oliveira, *A Maçonaria portuguesa e o Estado Novo*, Lisboa, D. Quixote, 1975, com 2.ª ed. em 1983 e 3.ª ed. em 1995.

[vi] DIAS, Graça da Silva; DIAS, J. S. da Silva, *Os primórdios da Maçonaria em Portugal*, Lisboa, I.N.I.C., 1980, 4 tomos, 2.ª ed., 1986.

[vii] LOJA, A. E. Fernandes, *A luta do poder contra a Maçonaria: quatro perseguições no século XVIII*, Lisboa, INCM, 1986.

[viii] MARQUES, A. H. de Oliveira, *Dicionário da Maçonaria portuguesa*, Lisboa, Delta, 1986, 2 vol.; *História da Maçonaria em Portugal*, Lisboa, Presença, 1990-1997, 3 vol. Com abundante bibliografia.

[ix] SIEBERT, Paul, *A Maçonaria na luta pelo poder: D. Miguel e a sua época*, Porto, Pola Grey, 1944; FERRO, João Pedro, *Maçonaria e política no século XIX: a loja «Liberdade» (Coimbra 1863-1864)*, Lisboa, Presença, 1991; CORREIA, Rosado, *A Maçonaria e a República*, Guimarães, Câm. Mun., 1993, pp. 17; GOMES, Pinharanda, «As relações entre o judaísmo e a Maçonaria; Releitura da Encíclica "Humanum Genus" do Papa Leão XIII acerca da Maçonaria», *in* GOMES, Pinharanda, *Cidade Nova*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1999, pp. 41-55; 57-71.

[x] COSTA, Fernando Marques da, *A Maçonaria feminina*, Lisboa, Vega, 1981.

riência falhada da Grande Loja de Portugal (1984-1985), à fundação, a 29 de Junho de 1991, da Grande Loja Regular de Portugal. Esta pretende regressar aos verdadeiros princípios da Maçonaria e segue o Rito Escocês Antigo e Aceite.

O regime democrático encaminha as obediências maçónicas para não temerem a luz do dia, para deixarem o peso anacrónico de sociedades secretas, para não se oporem ao papel positivo da religião na sociedade, para não reduzirem a originalidade da proposta cristã a uma visão naturalista da vida.

Carlos A. Moreira Azevedo
Bispo auxiliar de Lisboa

Apresentação

Dante, na sua *Divina Comédia*, representa o inferno sob a forma de um cone ou funil invertido formado por nove divisões circulares precedidas por um vestíbulo. Neste último encontram-se aqueles «que viveram sem merecer desprezo ou louvores… A misericórdia e a justiça desdenham a sua memória». Por isso nem o Céu, nem o Inferno os aceitaram. Dante contempla-os assombrado e assustado. O seu guia, o poeta Virgílio, fá-lo sair do seu atordoamento: «Non ragioniam di lor, ma guarda e passa» («Não falemos deles; olha e passa») (*Inferno*, 3, 51). Por mais de uma vez me lembrei deste conselho virgiliano. Ajudou-me a não perder tempo com questões e tarefas que não merecem senão um olhar de desdém e uma passagem ao largo.

Mas não se encontram entre elas a maçonaria, nem os mações. Aí estão a comprová-lo as muitas horas que dediquei ao estudo das suas constituições, regulamentos e rituais; e também a ouvir mações em Espanha e no México. Neste país mágico passei dois verões há cerca de dez anos, para falar, de manhã, sobre a maçonaria com professores universitários, mações e não mações. As tardes eram dedicadas a visitas a centros de diferentes seitas, algumas paramaçónicas, que se encontravam habitualmente na periferia urbana. Passo por alto o tempo dedicado a ler livros e artigos sobre a maçonaria, escritos tanto por mações como por «profanos» ou «não-mações». Há alguns anos, nem me ocorreria ima-

ginar esta dedicação. Fi-lo apesar de saber que os mações se movem numa zona intermédia, até certo ponto como os do tal vestíbulo, embora de sinal muito diferente. Segundo as suas constituições admitidas por todas as obediências ou ramos maçónicos, as de Anderson (1723), por um lado, «um mação nunca é um ateu insensato nem um libertino irreligioso»; por outro lado, a maçonaria prescinde do sobrenatural, da graça e das graças de Deus, de Jesus Cristo redentor e salvador. Move-se na zona neutra e intermédia da Razão humana, da tarefa prometeica de talhar a «Pedra Bruta» tal como sai da pedreira, sem desbastamento – que equivale ao «profano» –, para a converter na «Pedra Cúbica» perfeitamente talhada, na estátua perfeita do Homem ideal, símbolo e aspiração do mação (cf. p. 114). Interessa-lhe o que é comum a todas as religiões e a todas as éticas. Pretende encerrar o que é específico de cada religião (cristianismo, islamismo, hinduísmo, etc.) e cada ética (evangélica, corânica, etc.) na prisão da consciência individual e no recinto dos templos com prisão domiciliária, sem possibilidade de movimentação pelas ruas e praças públicas, pelos parlamentos, pelos centros de convivência social, desportiva e profissional.

«A ideia maçónica é um método, um catalisador, a pedra de toque que decanta o que há em nós […] uma trama incompleta que cada qual deve completar»[1]. É neste sentido que este livro se intitula *A Trama Maçónica*. «Trama» é um conjunto de fios que, cruzados e entrelaçados com os da urdidura, formam um tecido ou tapeçaria. O da maçonaria, como o das fiandeiras de Velázquez, tem o seu passado, já decorrido e imóvel, o seu presente de cara fosca e o seu porvir de rosto ainda invisível, mas possuidor de claridades aurorais como o pescoço da fiandeira correspondente na simbologia de Velázquez. Na etiqueta dos fios paralelamente dispostos da urdidura lêem-se os nomes diferenciados «obediências, ritos e ritos, templos e oficinas das

[1] Javier Otaola Bajeneta, *La Masonería hoy. Razón y Sentido*, San Sebastián, Aramburu Editor, 1996, p. 213 e 215. O autor, iniciado na Loja Tolerancia de Bilbao em 1981, foi Grão-Mestre da Gran Logia Simbólica Española (1997-2000), presidente da Internacional Masónica CLPSAS e é membro do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceite do Grau 33 para Espanha. Advogado nos Serviços Jurídicos do Governo basco desde 1982, desempenha actualmente uma comissão de *servicios especiales* como *defensor vecinal* em Vitoria.

lojas, etc.». A maçonaria forma um entrelaçado realmente complexo e intrincado de crenças, ritos, «deveres» ou «obrigações», graus ou degraus, «obediências» ou «potências», ramificações da mesma árvore que são, por vezes, cisões produzidas inclusive no tronco comum, por vezes obra da separação de não poucos ramos. Se uns secam e se desprendem, outros brotam. Em Espanha, num só ano – de Maio de 2005 a Junho de 2006 – «abateram colunas», ou seja, deixaram de existir duas obediências: a Gran Logia Nacional de Cataluña e a Gran Logia Operativa Latino y Americana. Em compensação, surgiram a Confederació de Logies Masòniques Maré Nostrum, com sede em Barcelona, que «trabalha» segundo o Rito Escocês Antigo e Aceite, e «uma obediência com rito baseado na cabala. Mas não estou autorizado a fornecer o seu nome, nem sobre elas dados», no dizer de Joan de Palmarola, do Gran Orient de Catalunya, grau 33, correspondente em Espanha da *Revista Internacional de la Masonería: Hiram Abif*, publicada em Buenos Aires e recebida por mais de 5000 lojas e altos cargos maçónicos, bem como por alguns subscritores não mações.

Nos textos maçónicos abundam os títulos grandiloquentes (Venerável Mestre, Muito Respeitável, Sapientíssimo, Sereníssimo, etc.), as maiúsculas iniciais (Maçonaria, Mação, Grau, Loja, Oficina, Templo, etc.) e as siglas com letras maiúsculas, separadas não por um ponto, mas por três, representativos dos três vértices dum triângulo isósceles. Se se escreve «cristianismo», «hinduísmo», «islamismo», «budismo», por que não escrever «maçonaria»? As siglas e abreviaturas dos rituais maçónicos convertem a sua leitura numa corrida de obstáculos, às vezes intransponíveis, para o não-iniciado na maçonaria. Claro que a responsabilidade de se embrenhar numa selva desconhecida e totalmente proibida é dele.

Perante a maçonaria, não se pode fazer caso de Virgílio. Não se pode «olhar e passar» sem se deter e sem falar dela. A maçonaria tem procurado formar e conformar a «opinião pública» ocidental (na Europa e na América) ou ocidentalizada (no Japão, nas Filipinas, na Austrália). E está a consegui-lo agora, no início do terceiro milénio. Além disso, os mações tentam «impor» um novo «paradigma» (que significa «modelo» em grego) de pensamento e comportamento. E procuram fazê-lo de uma forma mais dissimulada e secreta (embora igualmente ou mais eficaz) do

que uma das suas realizações mais ou menos directas, a saber, a New Age, ou Nova Era[2]. Tal como acontece com o novo paradigma da Nova Era, o maçónico é uma alternativa, e uma alternativa substitutiva do que é tradicional no plano religioso, ético, etc. Por esta e por outras razões (cf. o Capítulo X) não tem lugar «a dupla pertença», ou seja, não é possível ser-se ao mesmo tempo cristão e mação. Todos aprendemos, em crianças, os paradigmas verbais. Desde então, desde a infância, sabemos que eles coincidem na estrutura geral (modos, tempos, pessoas, radical), mas não são permutáveis entre si. Para conjugar um verbo da segunda conjugação (por exemplo, «mover») não serve o paradigma da primeira («falar»). Parece lógico e natural que os mações «exponham» o seu paradigma, o seu entrelaçado ideológico, ético, que conjuga várias formas e realidades básicas: relativismo, laicismo, gnose, tolerância, liberdade, igualdade, fraternidade[3], iniciação. Mas não que o «imponha» por meio de Governos e instituições maçónicas quase sempre camufladas ou «encobertas» como são muitas das suas chamadas lojas de que fazem parte precisamente pessoas e personagens influentes nos diversos âmbitos da vida social (político, mediático, empresarial, judicial, militar).

Ainda antes de começar a elaborar esta obra, comprovei o desconhecimento que existe acerca da maçonaria e do que é ser maçónico por parte de quase toda a gente. Enquanto a fui elaborando, comprovei-o de forma ainda mais extensa e intensa, se possível era. Para esse desconhecimento contribuiu a complexidade do entrelaçado maçónico e o segredo imperante na maçonaria e em torno dela. Por alguma razão uma obra monumental de Ricardo de la Cierva a apelida de «invisível», e o subtítulo de outra, da autoria de César Vidal, reza assim: «A sociedade secreta mais influente da história».

Este estudo procura facilitar, na medida do possível, o conhecimento da maçonaria a partir de dentro – dos seus documentos e de

---

[2] Cf. M. Guerra, *100 Preguntas Claves sobre New Age*, Burgos, Monte Carmelo, 2004, pp. 115-138.

[3] O *slogan* «Liberdade, Igualdade, Fraternidade» foi interpretado em termos exclusivamente políticos durante a Revolução Francesa. Embora seja hoje inseparável da maçonaria, foi aceite nela bastante depois da Revolução Francesa com um sentido diferente, a saber, iniciático, como símbolo dum processo de aperfeiçoamento humano interiorizado.

informações fornecidas por mações. Daí que o seu ponto de partida se encontre nas constituições gerais e nas particulares de algumas obediências maçónicas, bem como nos rituais dos principais ritos (Emulação, Escocês Antigo e Aceite, York, Francês, Sueco, etc.), segundo os quais se «trabalha» nas lojas das diferentes obediências. A maçonaria carece de livros directamente doutrinários. Para conhecer as suas crenças e a sua ética é preciso recorrer aos rituais, isto é, aos seus livros «litúrgicos», porque na maçonaria não há «tratados de teologia», nem de «moral» nem de «direito» especificamente maçónicos. Adquiri vários desses rituais em livrarias maçónicas, especialmente na da Universidad Valle de México, cujo *campus* central fica junto do templo maçónico mais importante do México: «La muy Respetable Grand Logia do Valle de México». Veja-se o significado de «Valle» no nosso «Glossário de Tecnicismos Maçónicos». Outros rituais foram-me entregues pelos próprios mações – inclusive, em alguns casos, pelos directores de alguns ramos da maçonaria, como em Espanha, no México e em Nova Iorque. Agradeço-lhes sinceramente por isso e garanto-lhes a manutenção do anonimato nos casos em que a isso me comprometi, bem como nos outros. É necessário ter em conta o rito segundo o qual cada obediência realiza os «trabalhos» maçónicos, porque os três primeiros graus, que constituem a base da maçonaria e vigoram em todas as obediências maçónicas, coincidem geralmente quanto aos seus rituais. Mas não existe uniformidade relativamente aos outros graus. Daí que um rito ou cerimónia dos graus 4-33 do Rito Escocês Antigo e Aceite não possa ser atribuído a qualquer um dos graus do ritos York, Emulação, etc., a não ser que se demonstre a sua coincidência.

O conhecimento de alguém ou de alguma coisa pressupõe uma descoberta do seu «ser». Mas é claro que ao ser se chega também e mais facilmente através do seu «agir». Assim o exprime um adágio escolástico: «Operari sequitur esse» («O agir segue e flui do ser») de cada realidade. Por isso se fala nesta obra de maçonaria e religião, de maçonaria e ética, de maçonaria e poder, da criatividade dos mações e das seitas, etc., sem esquecer o modo caracterizador da sua actuação, ou seja, a «discrição» ou o «segredo» maçónico.

As ideias são importantes. Por ser racional, o homem rege-se por ideias, embora também os sentimentos e as circunstâncias tenham

influência. Tanto ou mais importantes são as pessoas. Diz-se que os indivíduos passam e as ideias ficam, embora sejam mais ou menos efémeras. As pessoas pensam e elaboram as ideias que, por vezes, desencadeiam uma ideologia. Além de as elaborarem, as pessoas difundem as ideias e ideologias com as suas palavras, os seus gestos e obras, com o seu testemunho vital. Durante os quase três séculos da sua existência, os mações difundiram as ideias e os princípios maçónicos quase sempre como que em voz baixa, com a «discrição» sigilosa. A leitura deste livro pode dar a sensação de uma presença universal e eficazmente activa da maçonaria. Assim é. É um dado adquirido que os mações têm o direito de estender e aplicar a ideologia maçónica onde quer que estejam, desde que a exponham sem a impor pela força ou de forma enganosa. Em cerca de 300 anos, a maçonaria conseguiu formar e conformar a opinião pública do nosso tempo, inclusive a partir dos mais elevados estratos políticos. Um exemplo ou caso concreto: no jornal *Levante* (edição digital, n.º 2534, 12 de Dezembro de 2004, p. 2), um jornalista perguntou ao valenciano Ramón Torres, Grande Comendador ou presidente do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceite do Grau 33 para Espanha: «No Parlamento Europeu, os mações estão em maioria?». Ramón Torres respondeu: «Sim, entre 60 e 70%». E, como é lógico, votam no Parlamento Europeu em sintonia com os seus princípios e a sua ideologia. Todos se lembram do resultado de algumas votações sobre questões sensíveis e de palpitante actualidade. Observe-se que a representação das esquerdas e das direitas políticas na União Europeia ocupa aproximadamente metade do arco parlamentar. A maioria dos eurodeputados mações pertence ao grupo socialista. A percentagem restante terá de ser enquadrada no Partido Popular Europeu. Uma percentagem de 10% de flutuação é demasiado ambígua. Porque não se diz o número exacto de mações que há no Parlamento Europeu e a sua identificação pessoal? Aí entra o segredo maçónico. Além disso, tem-se a impressão de que se trata de uma percentagem considerável.

Que atitude deve adoptar um cristão perante a maçonaria? Em primeiro lugar, sair do desconhecimento dela. E dar ouvidos ao grande Péricles. No seu célebre «Discurso pelos Caídos na Guerra do Peloponeso» (Tucídides, 2, 40), aponta uma das diversas diferença radicais

entre os Atenienses e os outros povos (em primeiro lugar, os seus adversários espartanos e lacedemónios): «Temos em elevado grau a peculiaridade de sermos os mais audazes e de reflectirmos, além disso, sobre aquilo que empreendemos; ao passo que aos outros a ignorância dá ousadia e a reflexão, demora (indecisão)». «Deus e audácia» é um excelente lema. Os molengões e comodistas são um estorvo em qualquer empreendimento, e mais ainda no cristão, que leva a marca da cruz. Precisamos ser audazes, mas não «porque sim», nem num arrebatamento de loucura ou irracionalismo incontido. A audácia evangelizadora deve ser acompanhada de reflexão e oração, bem como do testemunho da comunhão de vida em Jesus Cristo em ordem à recristianização do Ocidente paganizado e paganizador. O fermento cristão transforma os indivíduos e impregna as instituições e a cultura. «A síntese entre a cultura e a fé não é uma exigência apenas da cultura, mas também da fé. Uma fé que não se torna cultura é uma fé insuficientemente acolhida, insuficientemente pensada, insuficientemente vivida»[4]. Além disso, é conveniente e necessário encarar o entrelaçado maçónico na perspectiva adequada. Quando alguém se empenha em andar com o nariz colado à parede corre o risco de os grãos de areia lhe parecerem montanhas e as formigas elefantes, com a subsequente sensação de insegurança e temor. Em contrapartida, à devida distância, as coisas costumam parecer aquilo que são. Porém, nos nossos dias, os meios de comunicação social teimam em «encostar o nosso nariz à parede dos acontecimentos» e, além disso, a todos os acontecimentos da «aldeia global», no instante em que sucedem e ao mesmo tempo. Daí a necessidade imperiosa de nos distanciarmos, de os contemplarmos na perspectiva adequada, que é, para um cristão, a «visão da fé» ou da eternidade, em e a partir de Jesus Cristo.

Mais: a mera perspectiva histórica ajuda a dar o justo relevo a cada realidade. Tanto a maçonaria como a Nova Era são formas sincréticas de gnose. Ponhamos por ora de lado as perseguições, obra dos governantes do Império Romano e causa de morte de tantos cristãos

[4] João Paulo II, *La Síntesis entre Cultura e Fé* (discurso aos universitários e aos homens da cultura, da investigação e do pensamento na Universidade Complutense de Madrid, 3 de Novembro de 1982), n.º 2.

martirizados. Quantos se lembram hoje da tremenda pressão sentida pelos cristãos do século II por causa do gnosticismo, que tanto afectou os sectores intelectuais da sociedade, e do montanismo, que causou verdadeiros estragos entre os ingénuos?

Qual será a situação da maçonaria e da Nova Era daqui a uns 1800 anos? Seguramente, mais de um leitor estará a pensar: e o cristianismo? E a Igreja? Acontece que a Igreja se apoia nas palavras de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem: «[...] as portas do Abismo nada poderão contra ela» (Mt 16, 18).

O destino de uma sociedade depende geralmente do dinamismo de minorias criativas. Os cristãos, em medida variável, deixaram-se contagiar pelo ambiente paganizado. Encontram-se mais ou menos anestesiados pelo clima sedativo de maioria predominante no passado, mas são chamados a converter-se em minoria criativa, capaz de recristianizar a modernidade neopaganizada.

Burgos, 14 de Setembro de 2006,
Festa da Exaltação da Santa Cruz

Fontes

A maçonaria carece de livros especificamente doutrinais. Não tem propriamente um órgão magistral, nem tratados de ideologia, para não dizer de «teologia». Com razão afirma Javier Otaola, depois de destacar a importância do simbolismo na maçonaria e até que ponto «o símbolo na maçonaria é a própria mensagem»: «O que, dito em termos religiosos, poderia equivaler a dizer que "a liturgia é teologia"»[5]. As suas fontes doutrinais são as «litúrgicas», ou seja, os rituais, e as disciplinares são as constituições, os estatutos, os regulamentos (cf. «Glossário de Tecnicismos Maçónicos»).

1. As «constituições» comuns a todas as obediências maçónicas (1723)

O texto encontra-se traduzido em Ricardo de la Cierva, *El Triple Secreto de la Masonería. Orígenes, Constituciones y Rituales Vigentes nunca Publicado en España*, Madridejos (Toledo), Fénix, 1994, pp. 78--147 (introdução nas pp. 71-76).

[5] Cf. J. Otaola, *op. cit.*, p. 22.

As constituições das diferentes obediências têm categoria inferior à das nacionais. Do Gran Oriente Español, por exemplo, vi as do fundo maçónico Comín Colomer, actualmente na Biblioteca Nacional, em Madrid, que vão de 1870 a 1949, bem como os respectivos estatutos e regulamentos.

2. Os rituais

2.1. Rito escocês antigo e aceite

Neste rito há obrigatoriamente iniciação nos graus 1 a 4, 12 a 14, 18, 29, 30 e 33. Nos restantes graus pode haver um rito simples de iniciação, mas não é obrigatório e não costuma ter lugar. São conferidos por meio de uma «comunicação» ou de um documento que os acredita. Os rituais de cada um dos 33 graus podem ser consultados no volume 5, pp. 571-662 e 723-875, do *Diccionario Enciclopédico de la Masonería*, México D. F., Editorial Valle de México, 1976-1977. Mas esses rituais têm algumas lacunas, uma deficiência compreensível se tivermos em conta a condição maçónica do autor (Lorenzo Frau Abrines, sob a direcção de Rosendo Arús, edição corrigida e aumentada por Luís Almeida) e a editora, bem como a obrigação de segredo.

a) Quanto à maçonaria regular, socorri-me dos rituais dos três primeiros graus, traduzidos por Ricardo de la Cierva, *op. cit.*, pp. 196-294 (com introdução da sua autoria nas pp. 175-293). De um ritual vigente em Nova Iorque (EUA) tenho o texto dos graus 1, 2, 3, 13, 18, 29, 30 e 33.

b) Para a maçonaria irregular utilizei *Liturgia del Aprendiz*, México, Ediciones Valle de México, 1983, 2.ª ed., p. 212; a liturgia do grau de Companheiro com rituais maçónicos (p. 42) e a liturgia do grau de Mestre com rituais maçónicos (p. 39). Não há modificações assinaláveis em relação aos rituais da maçonaria regular.
A edição que utilizei tem a particularidade de ter sido utilizada em 1992 nas lojas mexicanas masculinas (texto impresso) e nas femininas, porque, com esferográfica preta, se modificaram algumas terminações masculinas para femininas e se escre-

veu «Muito Respeitável Grã-Mestra» (p. 7, 8, etc.), «a Venerável» (p. 25), «querida amiga» (por cinco vezes, pp. 24, 28-29) para designar a candidata, tendo-se incluído o seu nome, que omito.

2.2. Rito de emulação

O livro *Gran Logia de España, Rituales de Emulación*, 2001, p. 259 – sem local de edição – contém o ritual dos três primeiros graus, as cerimónias de abertura e de fecho da loja e vários «anexos» (explicação da prancha de traçar, explicação adicional do avental e das ferramentas, etc., de cada grau).

Os mações não viram inconveniente em disponibilizar-me o ritual dos três primeiros graus do Rito de Emulação actualmente utilizado em Espanha. Porém, não houve maneira de conseguir o seu complemento essencial: o Arco Real, de vários graus. Para justificar a recusa, escudaram-se em contra-sensos. Suponho que uma das causas, talvez a principal, seja a presença da «Palavra Perdida»: Jahbulon.

2.3. «Maçonaria rectificada» ou «regime rectificado cristão»

Os seus rituais constam de:

1) Código Masónico de las Logias Reunidas y Rectificadas de Francia tal como Ha Sido Aprobado por los Diputados de los Directorios de Francia en el Convento Nacional de Lyon en 5.778, Publicado en 5.779[6].
2) Directorio Nacional de las Logias Escocesas Reunidas y Rectificadas de España», que, com o rótulo geral de «Classe Simbólica», é composto por três volumes de pastas azuis – ou seja, maçonaria azul – ou pelos três primeiros graus:
   a) *Ritual del Grado de Aprendiz. Rito Escocés Rectificado. Revisión 15.3.2003. Zaragoza 15.3.2003 del Nacimiento de NSJC* assinado por «El Gran Maestro General: Ramón Martí

[6] Subtraindo 4000 anos (os decorridos desde a criação do mundo até ao nascimento de Jesus Cristo, segundo a cronologia dos judeus), teremos a sua correspondência na cronologia cristã, ou seja, 1778 e 1779.

Blanco, El Diputado Maestro General: José Martí Blanco, El Gran Secretario: Luis J. Ferrándiz».

b) Ritual del Grado Compañero e c) Ritual del Grado de Maestro.

3) A. *Ritual de Maestro Escocés de San Andrés.* Esta edição é do Priorado de Aragão e foi ratificada pelo Priorado das Gálias a 29 de Janeiro de 1994 (o original foi redigido por Willermoz, no século XVIII).

   B. Capítulo de Noviciado. Ritual de Recepción de Un Escudero Novicio. Antigua Instrucción de 1790.

   C. Anexo. Ritual de Consagración de Una Logia Escocesa Rectificada, Año 2000. Os volumes destes três rituais têm pastas verdes.

4) Gran Priorato de Hispania. Orden de los Caballeros Bienhechores de la Ciudad Santa:
   a) Ritual de la Vela de Armas;
   b) Ritual del Armamento de los Caballeros;
   c) Ritual para los Capítulos de Conferencia y Refectorio de los Caballeros;
   d) Código General y Reglamentos de la Orden de los Caballeros Bienhechores de la C.S., Decretado en el Convento Nacional de las Galias, Tenido en Noviembre 465/1778.

Estes quatro volumes têm pastas de cor vermelha e um rótulo comum: «Orden interior». O do «Refectorio» refere-se às normas para banquetes de fraternidade. Os rituais estão bem estruturados. Na sua maioria, são mais completos e mais extensos do que os restantes referidos nesta secção de fontes. A decoração da loja é anecóica, pois «não deve haver nenhuma figura de homem ou animal» (início do Ritual do Grau de Aprendiz, lógica e presumivelmente extensível aos outros graus).

Para além das cerimónias de iniciação, descreve o tapete, os objectos necessários para a recepção, a iluminação da loja, a colocação dos irmãos das diversas classes na loja, a disposição da Câmara de Reflexão, as questões ou perguntas, os quadros apresentados ao candidato (ou pontos de reflexão), os deveres e funções do «Irmão Proponente» (o que convidou o então iniciando ou candidato) e os do «Irmão Preparador», ou seja o encarregado (desde o dia do escrutínio decisório da sua recepção) de preparar o candidato. Conclui o ritual do primeiro grau (p. 145) com uma «Instrucción Moral con la Explicación del Cerimonial de Recepción»,

outra «Instrucción por Preguntas y Respuestas para el Grado Aprendiz Francmasón» (uma espécie de catecismo) e, como «apêndice», a «Regla Masónica al Uso en las Logias Rectificadas», ou seja, o enunciado dos «deveres para com Deus e a religião», sobre «a imortalidade da alma», os «deveres para com o Soberano e a Pátria», para «com toda a Humanidade», «de beneficência», «outros deveres morais com os homens», «consigo próprio», «com os Irmãos (mações)» e «com a Ordem (maçónica)».

2.4. Ordem illuminati

a) Caballero Masón VI (Aprendiz IV, Compañero V, Maestro VI). O ritual deste grau «inclui os ensinamentos dos graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre; e também os do Royal Arch». É antecedido por uma apresentação da Ordem Illuminati, o rito, uma biografia do fundador Gabriel López de Rojas, uma história da maçonaria, Hiram Abif, a tradição luciferina e as instruções maçónicas (simbologia maçónica, léxico, etc.).
b) Iluminado Dirigente (Soberano Príncipe de la Rosacruz VI, Caballero Kadosh VIII, Soberano Gran Inspector General IX).

É antecedido de algumas exposições comuns ao grau anterior. Constituem novidade duas interessantes exposições sobre «o Rito Escocês Antigo e Aceite e os Illuminati», bem como as «Instruções Maçónicas sobre os Altos Graus do Escocismo Maçónico» (pp. 8-30).

2.5. Ordem maçónica do antigo e primitivo rito de memphis e misraïm

Rituais dos graus 1, 2, 3, 18, 30, 33, 66, 90 e 95. Cada grau é acompanhado do respectivo «catecismo».

2.6. Ritos de york, francês ou moderno, de damas ou de adopção, misraïm

O *Diccionario Enciclopedico de la Masonería*, de Frau-Arús (vol. V, pp. 625-686 e 877-921) reúne os rituais, geralmente abreviados, dos ritos enunciados em epígrafe.

2.7. Arco real

O texto de De la Cierva, *El Triple Secreto…*, pp. 304-344.
O ritual é precedido de uma breve e sugestiva introdução.

2.8. Rito operativo de memphis-misraïm da societas oto

O ritual do seu grau Royal Arch IV coincide com o do Cavaleiro Mação VI da Ordem Illuminati (cf. 2.4.a), embora cada rito tenha os seus matizes próprios (cf. «Fontes», 2.4.a).

2.9. Grande loja tradicional e simbólica ópera (oficina monsalvat)

Os rituais do Rito Escocês Rectificado já referidos (cf. 2. 3. 1-3) sem o que é específico do Grande Priorado da Hispânia.

3. Os cânticos e hinos da maçonaria

Texto, sem música, em R. de la Cierva, *op. cit.*, pp. 148-173.

Bibliografia

2.1. Geral

August Wolstieg reúne mais de 50 000 títulos de livros sobre a maçonaria nos três volumes da sua *Bibliographie der Freimauerischen Literatur*, publicados em 1911-1913. A sua reedição em Hildesheim (1967) inclui um quarto volume com o suplemento elaborado por Beyer. A partir de 1967, aumentou consideravelmente o número de estudos sobre a maçonaria. O mesmo se pode dizer dos livros publicados em espanhol nos anos do recém-estreado século XXI, muitos da autoria de mações. Prática e exemplar no seu género é a *Bibliografia de la Masonería* de José António Benimeli[7], com mais de 6000 títulos agrupados de forma orgânica em torno de uma ampla série de temas e com uma introdução ou comentário bibliográfico (pp. 17-131). A selva bibliográfica e o carácter desta obra justificam o facto de a bibliografia aparecer intercalada no texto.

2.2. Identificação de alguém como mação e modo pessoal de fazê-lo

Para identificar alguém, geralmente uma personalidade destacada nalgum campo da actividade política e sociocultural, como mação de

[7] Agora mação, utilizando «Danúbio» como nome iniciático.

um livro que é quase mais típico no título do que no conteúdo: *Quién Es Quién Masónico* (Madrid, Martínez Roca, 2003) do mação Xavier Cansinos, bem como dos catálogos constantes de várias obras, como, por exemplo: J. Blaschke e S. Rio, *La Verdadera Historia de los Masones*, Barcelona, Planeta, 2006, pp. 223-226 (lista dos mações espanhóis mais destacados, 78 nos séculos XVIII-XIX e 41 do século XX. Ambos os autores são mações; Santiago Rio «pertence aos mais altos graus da maçonaria espanhola e inglesa», lê-se na contracapa); L. Frau, R. Arús e L. Almeida, *Diccionario Enciclopédico de la Masonería*, México D. D., Valle de México, 1976-1977 (os três primeiros volumes dos cinco que constituem este dicionário contêm a biografia dos mações mais ilustres, dispostos por ordem alfabética com outras «palavras» temáticas. São mações os autores e a editora (cf. «Vale» no «Glossário de Tecnicismos Maçónicos»); A. Hurtado, *Por qué Soy Masón?*, Madrid, Edaf, 1994, pp. 203-205 (mações espanhóis), 205-207 (mações ibero-americanos e de outros países) (o autor, Soberano Inspector-Geral do Grau 33, membro do Soberano Capítulo do Supremo Conselho de França do Rito EAA, Grande Oficial Honorário da Grande Loja Nacional Portuguesa. Neste, como noutros escritos seus, sobressai a transparência, que é de louvar, embora seja sempre relativa em questões maçónicas); A. Oslo, *Freimaurer: Humanisten? Häeretiker? Hochverräter?*, Frankfurt am Main, 1988, pp. 393-410 (lista de mações, e também de 21 bispos dos séculos XVIII-XIX); C. Vidal, *La Masonería. La Sociedad Secreta más Influyente de la Historia*, Barcelona, Planeta, 2005, pp. 361-366 (lista alfabética de deputados «mações» nas Cortes Constituintes espanholas de 1931), 369 (lista dos membros da comissão parlamentar da Constituição da Segunda República espanhola: dos seus 12 membros, nove eram mações). A primeira lista coincide com a de Josep Carles Clemente, *Los Masones. La Apuesta de los Hijos de la Luz*, Editorial Fundamentos, 1996, que a encontrou no Arquivo de Salamanca.

Por vezes, a identificação foi-me facilitada por informações directas ou pessoais fornecidas por mações. Tenho por norma não escrever nada que possa ser comprometedor sobre a maçonaria, sobretudo no que diz respeito a nomes, a não ser que me conste pelo menos por duas fontes cuja fiabilidade tenha comprovado e verificado. Escusado será dizer que, em se tratando de mações, me comprometi a não revelar as minhas fontes de informação.

Siglas

Assinalo algumas. Outras figuram no «Glossário de Tecnicismos Maçónicos» incluído no final desta obra. Convém recordar que, nos documentos maçónicos, as letras das siglas são separadas não por um ponto, mas por três, correspondentes aos vértices de um triângulo isósceles com o vértice para cima. Com o vértice para baixo, figuram nos documentos do rosa-cruzismo.

G.A.D.U. = Grande Arquitecto do Universo
GLE = Grande Loja de Espanha
GLUI – Grande Loja Unida de Inglaterra
OMRMM = Ordem Maçónica do Antigo e Primitivo Rito de Memphis e Misraïm
Rito EAA = Rito Escocês Antigo e Aceite
Tecnicismos = Glossário de Tecnicismos Maçónicos (p. 361 desta obra)
V.M. = Venerável Mestre

I.

Perspectiva Histórica

1. As duas «cidades» agostinianas

No ano 313, o imperador Constantino estendeu ao cristianismo a liberdade religiosa que já tinham a religião tradicional e oficial de Roma (a de Júpiter, Juno, Vénus, Marte, etc.), as numerosas religiões mistéricas e o judaísmo. Entre 380 e 392, diversas leis do imperador Teodósio suprimiram a religião tradicional de Roma e reconheceram o cristianismo como religião oficial do Império Romano. Iniciou-se então a «cristandade», mas não por obra do chamado «édito constantiniano». Em 410, o visigodo Alarico ocupou e saqueou Roma. Os pagãos atribuíram a catástrofe ao abandono oficial dos deuses e deusas de Roma. Por isso, interrogaram-se e interrogaram os cristãos sobre as razões da sua decisão. Os cristãos, desconcertados perante semelhante contrariedade, interrogam-se sobre a razão pela qual Deus o permitiu, e sobre se são responsáveis ou que culpa têm disso.

Santo Agostinho ergue o seu olhar de génio e de santo, pensa, ora e escreve um tratado de teologia da história: *Civitas Dei* («A Cidade/Sociedade de Deus»). Mais ou menos a meio (14, 28) dessa obra, responde à interrogação de cristãos e pagãos: «Dois amores constroem duas cidades» ou, traduzindo melhor, «duas sociedades». Uma «cidade» vai do *Amor Deis usque ad contemptum sui* («do amor de Deus ao desprezo de si mesmo»).

A outra percorre o caminho ou processo inverso: «do amor de si próprio ao desprezo de Deus». Se se perguntasse em que época da história se realizou ou teve lugar a primeira, quase todos responderiam: na Idade Média – isto se não se vir a Idade Média como obscurantista, supersticiosa, apocalíptica, tal como foi apresentada de forma deformada pelo Iluminismo do Século das Luzes (século XVIII) de cariz maçónico, mas sim, tal como foi na realidade, a julgar pelos estudos mais recentes, uma Idade Média com as suas luzes e as suas sombras, e mais luzes do que sombras.

Durante a Idade Média, o homem e o seu meio sociocultural gravitavam em torno de Jesus Cristo (cristocentrismo, arte românica) ou de Deus (teocentrismo, gótico). O clero ou a Igreja informava e conformava a opinião pública.

A outra «cidade», que vai do *amor sui usque ad contemptum Dei* corresponde à modernidade. Nela, o homem e o seu meio sociocultural giram em torno do homem (antropocentrismo) e do eu, do si-mesmo (egocentrismo). A maçonaria informa e conforma a opinião pública.

Tem lugar a reviravolta coperniciana:

a) No plano religioso ou teológico, por Lutero (primeira metade do século XVI), por via do seu «livre exame» e, sobretudo, pela sua preferência pelo «Deus-para-mim». Ele situa o «eu» no centro e faz Deus gravitar em torno do eu humano enquanto Criador, Redentor, fim último, etc., de cada um. Por conseguinte, o eu é exaltado, elevado a ponto de referência de tudo (verdade, valores, etc.). Deus é marginalizado e, quer se queira, quer não, subordinado necessariamente ao homem, a cada homem ou mulher;
b) No plano filosófico, por Descartes (primeira metade do século XVII), que, com o seu «cogito, ergo sum», transformou a subjectividade individual em critério de verdade e do conhecimento;
c) No plano literário, por Erasmo (século XV-XVI), humanista, divulgador da cultura clássica, oráculo consultado pelos cultos e poderosos do seu tempo (Papas, reis, Lutero, Carlos I, etc.). Não sem humor exclamou: «São Sócrates, rogai por nós!».
d) No plano artístico, pelo Renascimento que «humaniza» inclusive as figuras divinas. Cristo na cruz é então um crucificado, sofredor, agonizante, e não um Senhor da serenidade, com a aparência e a coroa do Rei-Deus do período românico. A Virgem Maria já

não tem o seu Filho sobre os joelhos, nem O mostra aos fiéis ao colo. Figura somente ela, e é como que o arquétipo da beleza feminina segundo o critério do pintor ou do escultor. Na fachada da Igreja de Santa Salomé, mãe do apóstolo Tiago, numa das ruas de Santiago de Compostela e muito perto da catedral, a Virgem sentada tem o Menino sobre as suas pernas, ligeiramente voltado para acariciar o queixo da mãe. À primeira vista, é um entre muitos meninos. Todos os meninos fizeram, alguma vez, esse gesto. Por isso, dois anjos, um de cada lado, na função de turiferários, incensam-n'O. Indicam assim que o Filho da Virgem, embora criança, é Deus. A arte renascentista e posterior, geralmente, não sabe, ou não acerta ou não quer exprimir a divindade do Menino e a subsequente maternidade divina de Maria.

2. Aspiração e meta da maçonaria: O «homem perfeito e ideal»

No edifício da ONU em Nova Iorque há uma sala não muito grande dedicada à oração dos crentes e à reflexão dos descrentes em termos religiosos. Por isso, segundo a mulata que serviu de guia do meu grupo hispano-falante, não há nela nenhum símbolo religioso: nem cruz cristã, nem meia-lua islâmica, nem roda budista, etc. Quando lhe perguntaram «E esta pedra, o que simboliza? Porque está aqui?», a sua reacção foi um tanto atrapalhada.

É a mesma que há no «templo» de todas as lojas maçónicas – a «Pedra Bruta», que se encontra à esquerda do altar onde estão o Livro Sagrado, o esquadro e o compasso. É uma pedra tirada da pedreira, sem desbaste, que simboliza o homem «profano», ou não maçon. Dela se irá extrair a estátua representativa do «homem perfeito, ideal», ou seja, a «Pedra Cúbica», lisa, perfeitamente talhada, que simboliza o maçon aperfeiçoado por meio dos ritos de iniciação, com os seus graus, e da ajuda dos «irmãos». Eis a inspiração da maçonaria: o antropocentrismo. Não se trata de construir catedrais de pedra, como fizeram os «obreiros» da maçonaria operativa ou profissional. Cada «trabalhador» da maçonaria especulativa aspira a edificar a sua catedral, não de pedras, mas

humana; procura transformar-se na Pedra Cúbica perfeita, no Homem ideal. No princípio, todos os mações (desde 1877, os da maçonaria regular) fazem-no para glória do Grande Arquitecto do Universo, que é algo mais conceptual do que real. Mas, como isso se realiza num contexto de relativismo, condicionado pelas circunstâncias socioculturais e históricas, precipita-se no egocentrismo. «A maçonaria não é, em todo o caso, uma religião, porquanto não se apresenta como um caminho de salvação, mas sim como um método de crescimento pessoal e de aumento da consciência, na procura de uma plenitude ou, como diria o filósofo mação Krause, "o homem enquanto homem"» (Carta de Xavier Otaola, membro do Supremo Conselho Maçónico de Espanha, 33 – v. p. 399, nota 1 – na sua réplica ao artigo «A Maçonaria» de Miguel Ángel Velasco, *Alfa y Ómega*, 26 de Abril de 2001).

Por isso prescinde da Revelação divina e de tudo o que é sobrenatural e aceita e promove o que é comum a todas as religiões e a todas as éticas ou morais, ou seja, o que é próprio do homem enquanto homem. Em teoria, o mação, enquanto indivíduo, por sua conta ou à margem da maçonaria pode pertencer a uma religião concreta e seguir a ética evangélica, corânica, upanisádica (panteísta hindu), etc. que preferir.

Não partilho das suas crenças nem práticas, mas dou os parabéns aos mações, porque estão a conseguir, ao cabo de dois séculos e meio, o objectivo das suas diligências.

3. Da maçonaria «operativa/profissional» à «especulativa/filosófica» e «ideológica»[8]

3.1. «Mação/maçonaria» ou «franco-mação/franco-maçonaria»?

A palavra «mação» provém de *mattjon*, que significava «cortador ou talhador de pedras, canteiro» na língua germânica dos Francos, ainda

[8] Cf. R. de la Cierva, *El Triple Secreto de la Masonería. Orígenes, Constituciones…*, Madridejos (Toledo), Fénix, 1994, pp. 13-69; Ch. Jacq, *La Masonería* – Historia e Iniciación, Barcelona, 2004, pp. 7-153; M. Martín-Albo, *La Masonería. Una Hermandad de Carácter Secreto*, Madrid, Libsa, 2003, pp. 7-171; P. Naudon, *Les Origines Religieuses et Corporatives de la Franc-Maçonnerie*, Paris, Dervy, 1992.

antes da sua romanização ou latinização. «Latomia», ou «lautomia», designava a pedreira donde se retirava a pedra. Daí que os mações usem por vezes «latomia» em vez de «maçonaria» e que *latomus* («canteiro, pedreiro») seja o nome da revista da maçónica Universidade Livre de Bruxelas. *Maçon*, no francês actual, e *mason*, no inglês introduzido pelos Normandos, significava «pedreiro, mação» e figura num documento do ano 1292 em que se fala da construção de um oratório no Palácio de Westminster.

O prefixo *free-* ou *franc-* significa «livre». Tradicionalmente, referia--se aos que exerciam a arte maçónica e reflecte a franquia ou liberdade dos artesãos da pedra de se transferirem de uma cidade para outra sem necessidade de se submeterem às disposições reais ou municipais obrigatórias para os restantes ofícios ou profissões. Ultimamente, prefere-se relacioná-lo com o objecto material da arte e a sua qualidade, a saber, com o *free-stone-mason*, palavra que se lê já numa acta do Parlamento inglês datada de 1350 e que foi simplificada para *freemason* na Escócia, precisamente no início do século XVIII, ou seja, por volta da altura do nascimento da maçonaria. Significava canteiro com dotes de artista, aquele que trabalhava a pedra «livre» ou de ornamentação, a de melhor qualidade, a que se empregava na ornamentação de capitéis, estátuas, etc. Por meio dela transmitia-se a mensagem da Igreja, a catequese cristã, na arte românica e gótica. Distinguia-se, assim, da trabalhada pelo *rough-stone-mason* canteiro ou pedreiro, quer dizer, a pedra ordinária, mais dura, ou de alvenaria, empregue nas paredes e colunas.

Em espanhol – e também em italiano *(massone, frammasone)* –, introduziu-se a palavra «mação» para designar «os construtores simbólicos», os «construtores do pensamento», denominações estas utilizadas em escritos maçónicos e da autoria de mações. Como é um tecnicismo com apenas este significado, não deve ser precedido de «franco-», embora o seu emprego se tenha vindo a generalizar sobretudo nas traduções de textos em francês, inglês ou alemão. Nestes três idiomas, *maçon* (fr.), *mason* (ing.), *maurer* (al.), significam: a) «pedreiro»; b) com o prefixo *(franc-maçon, free-mason, freimaurer)*, «mação» ou pertencente à maçonaria. A mesma diferenciação semântica existe entre os substantivos *maçonnerie, masonry, maurerei* e *franc-maçonnerie, freemasonry, freimaurerei*.

3.2. A genealogia mitológica da maçonaria

A sinonímia de «pedreira» e «maçonaria», tanto em francês como em inglês, facilitou que se remontasse a existência da maçonaria ao início da humanidade. Quem quer que se tenha destacado nas lides da construção real ou simbólica foi catalogado nos escritos maçónicos entre as testemunhas da sua existência. E ainda há quem o faça. Um caso destacado, já na Pré-História, seria, segundo C. Knight e R. Lomas, o dos monumentos megalíticos (5000-2000 a.C.), bem como o das pirâmides egípcias[9].

As Constituições de Anderson de 1723, admitidas por quase todas as obediências maçónicas, identificam a origem e a evolução da maçonaria com o aparecimento e a evolução do homem na Terra, com a sua projecção construtora de edifícios e pensamento. E dedicam um «capítulo», respectivamente, a Adão, criado à imagem e semelhança do Grande Arquitecto do Universo e Mestre que ensinou a alvenaria aos seus filhos; a Caim, construtor de uma cidade; à arca maçónica de Noé e às pirâmides egípcias, obra da maçonaria; a Abraão, que terá aprendido Geometria e transmitido a arte[10] maçónica; a Israel, povo maçónico; a Moisés, Grão--Mestre Mação; aos mações construtores do Templo de Salomão e do segundo templo; ao imperador Octávio Augusto, Grão-Mestre da Loja de Roma, etc., e assim por diante até ao século XVIII d.C. Chamam «Mestres Gerais Mações» a Moisés, Zorobabel, Ptolomeu Filadelfo. Não se compreende como este refogado foi digerido pelos mações até quase aos dias de hoje. Actualmente, costuma ser alvo de uma interpretação simbólica. Não falta quem o rejeite como fantasioso e indigesto, mas situe o nascimento da maçonaria no ano de 715 a.C., quando Numa Pompílio, rei e legislador de Roma, terá, alegadamente, instituído os *collegia artificum et fabrorum*[11]. Nestas «associações de artesãos/artistas», descobre-se uma espécie de «grémios» integrados por «construtores de todos os países, especialistas nos conhecimentos do seu tempo, que recebiam no seu seio

---

[9] Cf. M. Guerra, *Historia de las Religiones*, Madrid, B.A.C., 2006, 3.ª ed., pp. 106-114.

[10] Craft, ou Arte, é outro nome da maçonaria.

[11] Cf. R. Martínez, *Historia de la Masonería en Hispanoamérica*, sem edição nem local de edição, 1965 (1.ª edição, utilizo a «2.ª aumentada», publicada muito poucos anos depois), p. 5. O autor era Grande Inspector Geral da Ordem maçónica.

homens de todos os cultos e crenças e que proclamavam que todos os homens eram filhos de um Deus de clemência e amor glorificado segundo o nome característico da sua própria arte: Grande Arquitecto do Universo» (*op. cit.*, p. 6). Não vemos motivo para delongas nesta nem noutras mostras da eficácia mitificadora da fantasia.

No Egipto[12], na Roma Antiga, etc., havia associações profissionais de construtores em vários âmbitos (alvenaria, cantaria, carpintaria). Essas associações «aceitavam», habitualmente, pelo menos um membro profissionalmente alheio: o «sacerdote». Era ele o encarregado dos assuntos culturais: oferta de sacrifícios, incenso, celebrações pelos falecidos, orações antes das refeições da irmandade (associações pagãs egípcias, romanas). Nas medievais, o sacerdote católico celebrava a santa missa nas festas patronais e nas festas oferecidas pelos defuntos, abençoava as refeições de fraternidade, etc.

Nas associações greco-romanas, também nas meramente profissionais e desportivas, havia uma sala com, pelo menos, bancos onde pudessem sentar-se os membros e uma ara ou um altar para os sacrifícios, com ou sem a imagem do deus ou da deusa patronos. Aí se faziam os sacrifícios e oferendas, se depositavam ramos e coroas de flores, se celebravam os banquetes de confraternização, etc. Pelo menos nos mistérios, os banquetes rituais e de confraternização eram presididos pelo sacerdote, pela sacerdotisa ou por ambos simultaneamente[13].

---

[12] Cf. textos em M. Guerra, *Epíscopos y Presbýteros*, Burgos, Seminario Metropolitano, 1962, pp. 68-118. Desde o século II a.C., sob o domínio dos Ptolemeus e, depois, dos Romanos, há testemunhos no Egipto de associações ou grémios cultuais, agonísticos ou desportivos e profissionais. Estavam ligados aos diferentes sectores da actividade humana: tecelões, moleiros, lavradores, ganadeiros, comerciantes, pescadores, canteiros, construtores, etc. O dos *téktôn/tektones* – palavra grega da qual derivam «tectónico, arquitectónico, arquitecto» – (cf. *Epíscopos y…*, pp. 107-108 e ss.) compreendia a carpintaria (portas, janelas, telhados, arados, etc.) e alguma alvenaria. O que constituía precisamente o ofício de São José e de Jesus Cristo na sua vida oculta (Mt 13, 55; Mc 6, 3). Por tudo isto, as maçónicas Constituições de Anderson chamam «Grande Arquitecto da Igreja» ao «Messias de Deus» (R. de la Cierva, *Triple secreto…*, p. 98). É uma forma de o integrar na tradição maçónica, se bem que o nome «Cristo» e a datação *anno Domini* cedo tenham desaparecido das próprias constituições e dos rituais maçónicos.

[13] Cf. M. Guerra, *Epíscopos y…*, pp. 39, 90, 98, 105, 110, 114, 120, 177, 178, 224, 309-311. Nas pinturas do túmulo de Víbia (catacumbas de Prestestato), esposa de um sacer-

Os autores mações tendem a ver elementos da maçonaria actual nessas associações greco-romanas: a obrigatoriedade do segredo, os sinais e palavras-passe, alguns graus ou classes, etc.; e aludem habitualmente ao tratado *De Arquitectura* de Vitrúvio (século I a.C.), à *Apologia* e à *Florida* de Apuleio (século II d.C.), bem como a alguns tratados de Plutarco (séculos I-II d.C.), mas não fornecem citações concretas. Embora um tanto por alto, também li estas obras. Certamente, Pitágoras (século V a.C.), por quem os mações têm uma especial devoção inclusive nos seus rituais, impunha um período de silêncio aos seus discípulos. E eles pretenderam ver nisso uma antecipação do silêncio que os aprendizes ou iniciados no primeiro grau devem manter. Com efeito, até se iniciarem no grau 2, devem escutar, aprender e não falar. Os discípulos de Pitágoras deviam manter silêncio durante cinco anos se eram faladores, e por um breve período de tempo se eram reflexivos (cf. Apuleio, *Florida*, 24-27). Na maçonaria, o mesmo tempo é indicado para todos: o da sua permanência no grau 1. Por vezes, os autores mações falam de associações e confraternidades religiosas, profissionais, etc. E há alguns dados gerais semelhantes, já indicados, mas não fornecem mais pormenores. Intuo que um estudo cuidadoso os despojaria das vistosas plumas alheias, como acontece ao corvo e ao pavão na fábula de Fedro e Babrius.

3.3. A maçonaria no seu estado embrionário ou a maçonaria operativa/profissional até ao século XVIII

Tende-se a pensar que a maçonaria é uma instituição monolítica nascida em estado adulto, ou de uma forma unitária e como que de repente. Mas não foi assim. Primeiro, existiu a maçonaria operativa e católica, que foi depois anglicana na Grã-Bretanha.

Durante a Idade Média, houve associações (confrarias, fraternidades) de «mações» (canteiros, pedreiros) encarregadas da construção de igrejas, catedrais, mosteiros. Eram associações profissionais de ca-

---

dote do deus Sabácio e ela própria sacerdotisa, figura a cena de um banquete com vários comensais e diversos alimentos. Uma das mulheres ergue a mão direita com três dedos estendidos em atitude de bendição ao estilo da cristã *benedictio latina*, ainda em uso.

riz cristão, católico e solidário. Os cristãos e as suas associações eram necessariamente católicos nos países ocidentais e centrais da Europa. Ainda não aparecera o protestantismo. As igrejas ortodoxas estavam implantadas apenas nas regiões orientais da Europa. Por isso os grupos medievais da maçonaria operativa celebravam «as quatro festas sagradas» e a dos seus patronos – os Quatro Santos Coroados (Constituições de Estrasburgo) –, bem como as diferentes festas das várias associações ou confrarias, extraídas da liturgia e do santoral da Igreja Católica. Celebravam-nas com a santa missa, uma refeição da irmandade, etc. Além disso, tinham em conta a moralidade dos «mações» e o cumprimento das normas da Igreja; por exemplo, um mestre não podia dar trabalho a um adúltero, nem a quem não se confessasse nem comungasse pelo menos uma vez por ano (Constituições de Estrasburgo). Os documentos que se conhece da maçonaria operativa, a que os mações chamam *old charges* («antigos deveres»), em Inglaterra conhecidos também por *landmarks* («marcos», «limites»), costumam começar com a invocação da Santíssima Trindade, da Virgem Maria e dos santos. Eis os principais daqueles que se conservaram e são conhecidos:

a) As origens da cristianização da maçonaria operativa em São Beda e no seu tempo. São Beda, *O Venerável* (673-735) foi um beneditino inglês influenciado sobretudo por Santo Agostinho e Santo Isidoro de Sevilha, pai da historiografia inglesa e provavelmente o homem mais culto do renascimento carolíngio. Se, segundo uma tradição, Isidoro de Sevilha encerra a época patrística, Beda inicia a medieval. Ambos coincidiram no talante e marcaram a sua época e os milénios posteriores. Uma obra do historiador, guionista e maçon argentino Eduardo R. Callaey – *Ordo Laicorum ab Monachorum Ordine* – confirma o influxo de Beda nas «guildas» ou «associações, confrarias» de construtores do seu tempo (séculos VII-VIII). Graças a Beda, cristalizou-se o que estava em gestação havia dois ou três séculos, a saber, uma orientação e uma estrutura especificamente cristãs das associações dos «mações operativos». Pode dizer-se que São Beda «cristianizou» os grupos de construtores, tal como são Bernardo de Claraval (1090-1153) fez com a «cavalaria» existente até então através da Ordem do Templo, cujos membros

se regiam pela regra de São Bento, adaptada ao seu sistema de vida por São Bernardo (1128). Foi este santo quem orientou a ordem dos Templários e contribuiu para a sua difusão com a obra *De Laude Novae Militiae* («Elogio da Nova Milícia»), ou nova forma de vida, monástica e militar ao mesmo tempo. São Bernardo e os seus monges influenciaram também a maçonaria operativa e a arte do seu tempo por meio da «arte» românica, apelidada de «cisterciense». A ornamentação exclusivamente vegetal e geométrica substituiu a mitológica – pagã quanto ao significante – e a de carácter histórico do período anterior, o cluniacense (também românico e beneditino).

b) Os *Statuta et Ordinamenta Societatis Magistrorum Tapia et Lignamiis*, ou *Carta di Bologna*, redigidos em latim a 8 de Agosto de 1248 por um notário de Bolonha de acordo com as disposições do alcaide da cidade[14]. Estes «Estatutos e Regulamentos da Sociedade dos Mestres do Muro e das Madeiras» são 142 anos mais antigos do que o documento que os antecede entre aqueles que se conhecem – o Manuscrito Regius, de 1390. Estes estatutos permitem concluir que as origens documentadas da maçonaria operativa podem não se encontrar em Inglaterra, como antes se afirmava, mas sim em Itália ou qualquer outro país europeu. Eis como começam: «Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ámen. No ano do Senhor de 1248. Eis os estatutos e regulamentos da sociedade de mestres do muro e das madeiras, feitos em honra de Deus, de nosso Senhor Jesus Cristo, da Santa Virgem Maria e de todos os santos, e pela honra e bom estado da cidade de Bolonha […]»[15]. E este costuma ser também o início dos documentos similares. Alguns acrescentam: «[…] e dos quatro Mártires Coroados»[16] e convidam à fidelidade «a Deus e à sua Santa Igreja» e à resistência à sedução por

[14] O original encontra-se no Arquivo do Estado de Bolonha.

[15] Também as Constituições (dos mações) de Estrasburgo, datadas de 1459, falam já das obrigações dos Aprendizes, dos Companheiros e dos Mestres. Estes eram os directores das obras e não podia haver mais de um em cada construção, excepto em determinadas condições.

[16] Por exemplo, os Estatutos de Ratisbona, de 1459.

«doutrinas heréticas»[17]. Os Quatro Santos Coroados foram quatro cristãos escultores, que se recusaram a esculpir a imagem de uma divindade pagã no tempo do imperador Diocleciano. Por isso foram flagelados e morreram em 287. Como, durante algum tempo, se desconheceu os seus nomes, foram invocados sob a designação genérica de «Quatro Santos Coroados» (com o martírio) ou Mártires. E eram eles os patronos dos «maçõe» profissionais, sendo mencionados no Manuscrito Regius.

c) O *Poema Maçónico* ou Manuscrito Regius («Régio» ou «Real»), datado de 1390, conserva-se na Biblioteca do Museu Britânico, onde foi descoberto em 1830. É um poema de 749 versos rimados em inglês antigo. Toma também o nome de Manuscrito Halliwell, em homenagem ao seu primeiro editor, em 1840. Nele figura a palavra «loja» e refere a fundação da maçonaria (operativa) por Euclides, no Egipto, a sua introdução em Inglaterra no reinado de Athelstan (rei saxão, 925-939)[18], os Quinze Deveres, o relato dos seus patronos – os Quatro Santos Coroados – e o da Torre de Babel, as sete artes liberais, a exortação sobre a Santa Missa e a forma de se comportar na igreja. Termina com uma instrução acerca das boas maneiras. É um dos mais antigos entre os chamados Old Charges («Antigos Deveres» ou «Normas»). Conservam-se vários manuscritos deste tipo, nos quais Anderson se inspirou para a elaboração das constituições maçónicas de 1723.

d) O Manuscrito Cooke – nome do seu primeiro editor –, redigido no início do século XV (1410-1420), transcreve uma compilação provavelmente do princípio do século XV e também se encontra no Museu Britânico. Nele se lê pela primeira vez o termo «especulativo» no contexto maçónico, porque se chama «mestre especulativo» ao filho do rei Athelstan. O documento testemunha a existência de «maçõe aceites» ou «convidados» nas lojas de

[17] Cf. A. Lantoine, *op. cit.*, pp. 28-33 (documentos do final do século XV e do século XVI).

[18] O relato de Athelstan e Edwin, intercalado nas Constituições de Anderson (cf. *Triple secreto*…, p. 59) parece ser lendário, inventado já por membros da maçonaria operativa para aureolar as suas origens.